

Perspectivas multimodais sobre a comunicação com máscaras faciais em tempos de covid-19

Multimodal perspectives on communication with face masks in times of covid-19

Perspectivas multimodales de la comunicación con mascarillas faciales en tiempos de covid-19

Ulrike Agathe Schröder^{1,a}

schroederulrike@gmx.com | <https://orcid.org/0000-0001-7764-7249>

Anna Ladilova^{2,b}

anna@ladilova.de | <https://orcid.org/0000-0002-9777-5018>

Sineide Gonçalves^{1,c}

sineide.ufmg@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4067-5358>

Fernanda Roque Amendoeira^{1,d}

fernandaroque006@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-5520-5001>

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Belo Horizonte, MG, Brasil.

² Justus-Liebig-Universität Gießen. Gießen, Alemanha.

^a Doutorado em Comunicação pela Universidade de Duisburg-Essen.

^b Doutorado em Sociolinguística pela Justus-Liebig-Universität Gießen.

^c Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

^d Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.

RESUMO

Tendo em vista que nossa comunicação cotidiana mudou profundamente, estudos recentes acerca da fala-em-interação enfatizam a natureza holística intercorporeal que observa o paradigma intersinestésico emergente. Ao observar restrições interacionais relacionadas à nossa mobilidade limitada, ao distanciamento social e ao uso de máscaras faciais, durante a pandemia da covid-19, elaboramos neste artigo as perguntas: o que acontece, quando o uso de máscaras faciais bloqueia partes importantes da fluência interacional e como os interactantes lidam com isso? A partir de coleta, transcrição e análise de dados em vídeos de diversos países, os seguintes resultados foram revelados: (a) levantamento da sobrancelha como marcador de acento focal; (b) ampliação do espaço gestual e utilização de gestos do tipo 'batida', quando o distanciamento social e o uso de máscaras estão em jogo; (c) a compensação da perda da expressão facial pelo uso de máscaras, por pistas entonacionais.

Palavras-chave: Fala-em-interação; Máscaras faciais; Covid-19; Intercorporealidade; Intersinestesia.

ABSTRACT

Recent studies on talk-in-interaction emphasize the intercorporeal holistic nature of human action. Given that our everyday communication had changed profoundly during the covid-19 pandemic, considering the interactional constraints related to our limited mobility, social distancing, and the use of face masks, we pose the following question in this article: What happens when the use of face masks blocks important parts of interactional fluency and how do interactants deal with it? Through collection, transcription, and analysis of data from videos from the first months after the outbreak, the following results were revealed: (a) raising of the eyebrow as a marker of focal accent; (b) enlargement of gestural space and frequent use of beat gestures, when social distancing and mask-wearing are at play; (c) at a micro level, compensation for the loss of facial expression due to mask-wearing, through intonational cues.

Keywords: Talk-in-interaction; Face masks; Covid-19; Intercorporeality; Intersynesthesia.

RESUMEN

Estudios recientes sobre el habla en interacción destacan la naturaleza encarnada de la interacción. La pandemia de covid-19 ha cambiado nuestra comunicación con restricciones interactivas relacionadas con nuestra movilidad limitada, el distanciamiento social y el uso de mascarillas, por eso preguntamos: qué ocurre cuando el uso de máscaras bloquea partes importantes de fluidez interaccional y cómo enfrentan a ello los interlocutores implicados. Hemos recopilado datos de vídeo, y mediante la recopilación, transcripción y análisis de datos de lo principio de la pandemia, tuvimos los resultados: (a) el levantamiento de cejas pasa a primer plano como marcador de acento de tono; (b) el espacio gestual se amplía y es utilizado de forma marcada por más gestos de ritmo, cuando hay distanciamiento social y uso de mascarillas; y (c) la pérdida de expresión facial por el uso de mascarillas faciales se compensa con señales de entonación y con la ruptura del distanciamiento.

Palabras clave: Habla-en-interacción; Mascarillas faciales; Covid-19; Intercorporalidad; Intersinestesia.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Este artigo compõe o Dossiê Cuidados em interação: práticas, saberes e reflexividade na saúde.

Contribuição dos autores:

Concepção ou desenho do estudo: Ulrike Agathe Schröder, Fernanda Roque Amendoeira, Sineide Gonçalves, Anna Ladilova.

Coleta de dados: Ulrike Agathe Schröder, Fernanda Roque Amendoeira, Sineide Gonçalves, Anna Ladilova.

Análise de dados: Ulrike Agathe Schröder, Fernanda Roque Amendoeira, Sineide Gonçalves, Anna Ladilova.

Interpretação dos dados: Ulrike Agathe Schröder, Fernanda Roque Amendoeira, Sineide Gonçalves, Anna Ladilova.

Todos os autores são responsáveis pela redação e revisão crítica do conteúdo intelectual do texto, pela versão final publicada e por todos os aspectos legais e científicos relacionados à exatidão e à integridade do estudo.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Ulrike Agathe Schröder agradece à Fundação Alexander von Humboldt pelo apoio financeiro que recebeu em cooperação com a Universidade de Potsdam pelo Research Group Linkage Programme (2017-2022) e à Capes PrInt pelo Programa Pesquisador Sênior na Universidade de Austin e Duisburg-Essen (2020-2021).

Histórico do artigo: submetido: 02 abr. 2024 | aceito: 22 maio 2024 | publicado: 30 set. 2024.

Apresentação anterior: O artigo é oriundo da tese de Sineide Gonçalves, Máscaras faciais e distanciamento social: uma análise intercorporeal da fala-em-interação em tempos de Covid-19. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos: UFMG, 2022. Uma derivação do presente trabalho pode ser encontrada no e-book [XI_SETED_2021](#).

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

Partindo de uma visão interacional e corporificada, a seguir, apresentaremos os resultados de um estudo piloto que realizamos no ano de 2020, no início da pandemia de covid-19. Nosso intuito foi analisar o impacto do uso de máscaras faciais e os seus desdobramentos na comunicação face a face, uma vez que o uso de máscaras faciais bloqueia aspectos importantes da naturalidade conversacional, nomeadamente toda a parte inferior do rosto, cobrindo o nariz, a boca e parcialmente as bochechas. Nosso interesse foi descobrir como os interactantes lidam com essa privação através de dados em vídeo de interações em países distintos. Apresentaremos também quatro exemplos do *minicorpus* que elaboramos para esse projeto. Para cada trecho selecionado das interações, foram feitas transcrições que serão acompanhadas de imagens retiradas dos vídeos, enfatizando diferentes modalidades interacionais: as expressões faciais, os gestos e o espaço gestual, bem como a prosódia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Interação corporificada, intercorporeidade e multimodalidade

No decorrer das últimas décadas, observou-se um “turno corporificado” (*embodied turn*) nos estudos sobre interação, cognição e linguística que começaram a se distanciar de uma visão da cognição localizável na cabeça humana. Muito pelo contrário, essa nova visão – que surgiu também em oposição ao dualismo neocartesiano entre corpo e mente, ainda presente na primeira geração da linguística cognitiva – promove a ideia de que a cognição é profundamente encaixada na ecologia humana, sendo uma atividade distribuída entre os interactantes e o mundo material.

(Inter)ação, gestos, língua e cognição, de acordo com essa perspectiva corporificada, são fenômenos entrelaçados, interdependentes e inerentemente sociais, uma vez que os sujeitos habitam as ações do outro. Isso nos leva a uma perspectiva “intercorporeal” de interação e significação (Meyer; Streeck; Jordan, 2017). Sendo assim, uma abordagem praxeológica e fenomenológica da interação *in situ* parte de um entendimento holístico da comunicação, ao compreender o conjunto de atividades verbais e corporais. Por conseguinte, gestos devem sempre ser entendidos como “ambientalmente acoplados” (Goodwin, 1986),¹ ou seja, encaixados nas suas ecologias. Destarte, gestos não são reduzíveis a ações executadas pelas mãos; eles incluem todas as ações corporais visíveis que formam uma figura perante um pano de fundo de outros movimentos em uma interação (Kendon, 2004, p. 7-13).

Porém, na grande maioria dos estudos sobre gestos, a maior parte da atenção dada aos gestos de mão, e foram elaboradas várias classificações para suas funções. Gestos de mão podem variar em seu grau de convencionalização: passar um turno para outra pessoa, por exemplo, corresponde ao grupo dos gestos pragmáticos que são altamente recorrentes, ao passo que retratar um objeto sobre o qual estou falando apresenta um gesto icônico que é mais idiossincrático, isto é, mais situado no contexto interacional. Gestos desse tipo também podem ser usados como gestos metafóricos, quando alguém explica, por exemplo, uma depressão e move a mão aberta para baixo. Gestos também podem estruturar o discurso, apontar e acompanhar o ritmo da fala (*beats*) ou apontar para um objeto ou um tópico discursivo. Neste caso, trata-se de um gesto dêitico (Kendon, 2004; McNeill, 1992).

Além dos gestos manuais, as expressões faciais foram pesquisadas detalhadamente. Kendon (2004, p. 310) chama de ‘gestos faciais’ os movimentos das sobrancelhas, os movimentos da boca, as posturas da cabeça e as direções do olhar. São o que Bavelas, Gerwing e Healing (2014) chamam de ‘gestos faciais

1 Em inglês: “*environmentally coupled*”.

conversacionais’, uma vez que assumem, de acordo com as autoras, funções correspondentes aos gestos de mão. Stivers (2008), por exemplo, mostra como acenar a cabeça exprime afiliação em narrações. Já Goodwin (1981) revela a importância do olhar para a coconstrução de turnos e recomeços.

Vale destacar que a prosódia assume um papel indispensável na comunicação em interação corporificada, como veremos na parte empírica. Foi especialmente sob a égide da linguística interacional, surgida no meio dos anos 1990 com elementos da análise da conversa, do funcionalismo, da sociolinguística interacional e da antropologia linguística (Couper-Kuhlen; Selting, 1996; Couper-Kuhlen, Selting, 2018) que teve início um interesse pela prosódia na interação. Até o presente momento, o principal mérito está na integração sistemática de recursos linguísticos, como meios prosódicos e sintáticos da fala, na análise da coconstrução de significados, a partir de uma perspectiva *on-line* sobre as unidades de construção de turno (*turn-constructive units*), entendidas como emergentes em tempo real e como resultados interacionais (Couper-Kuhlen; Selting, 2018, p. 22). Como destacam Couper-Kuhlen e Selting (1996):

Se prosódia é concebida como compreendendo atributos “musicais” da fala – efeitos auditórios, tais como melodia, dinâmica, ritmo, tempo e pausa –, com certeza não é exagero dizer que boa parte deste campo foi deixado vago por linguistas estruturalistas modernos. (Couper-Kuhlen; Selting, 1996, p. 11, tradução nossa)²

Agora, se a intercorporalidade acostuada³ e a coordenação de nossa vida social e dos nossos recursos multimodais de comunicação – que são altamente habitualizados e sedimentados – de repente mudam e são restritas pelo uso de máscaras faciais, bem como pelo distanciamento social, levanta-se a questão de como os corpos-sujeitos lidam, na sua prática cotidiana, com essa mudança. Que déficits surgem e que estratégias compensatórias os corpos-sujeitos desenvolvem na interação?

Comunicação em tempos de covid-19 com máscaras faciais e distanciamento social

Ora, a crise da covid-19 causou mudanças sociais, políticas e econômicas profundas que se refletiram no uso da linguagem. A forma como nos comunicamos mudou profundamente devido ao distanciamento social e ao uso obrigatório de máscaras faciais, na maioria das interações públicas. Um estudo de Claus-Christian Carbon (2020) sobre o impacto das máscaras faciais na interpretação das emoções indica que o reconhecimento das emoções é fortemente reduzido, com exceção dos rostos temerosos e neutros. Por exemplo, o medo é expresso fortemente pela região dos olhos, que não é ocluída pelas máscaras, porém expressões neutras foram superinterpretadas, já que algumas emoções como felicidade, tristeza e raiva foram interpretadas como neutras. Além disso, segundo o autor: “[...] os estímulos faciais provêm de um banco de dados científico que tem como objetivo mostrar as emoções de forma extremamente clara e muito pronunciada [...] em contextos naturais o impacto das máscaras faciais na interpretação das emoções poderia ser ainda mais forte.”⁴ (Carbon, 2020, p. 16)

Ao mesmo tempo, apresentar aos participantes apenas imagens do rosto corta todas as informações adicionais, geralmente presentes em “contextos naturais”, como a fala, os gestos e o contexto de interação. Portanto, poderíamos argumentar que em interações reais as máscaras faciais não seriam um problema para a inferência emocional, devido à capacidade de compensar a falta de informação sobre a expressão

2 Em inglês: “If prosody is conceived as comprising “musical” attributes of speech—auditory effects, such as melody, dynamics, rhythm, tempo, and pause—it is certainly no exaggeration to say that much of this field has been left vague by modern structuralist linguists.”

3 “Hábito corporificado (*embodied habitus*) são reconhecidos como ponto de partida indispensável para a análise da interação corporificada e multimodal.” (Goodwin *et al.*, 2012, p. 23).

4 Em inglês: “[...] the face stimuli originated from a scientific database which is aiming to show emotions maximally clear and very pronounced [...] in natural contexts the impact of face masks on reading emotions could even be stronger.”

facial por outros modos de comunicação. Carbon (2020, p. 17) também faz essa suposição, ao afirmar que a expressão facial não é nossa única fonte de informação, tendo em vista que podemos recorrer à linguagem corporal, à prosódia e ao contexto social para inferir estados emocionais de nossos interlocutores.

Essa capacidade de compensar a falta de informação pela fala é demonstrada em um estudo de Mendel *et al.* (2008) sobre a compreensão da fala com máscaras cirúrgicas. Os autores mostram que, apesar de haver uma diferença significativa nas análises espectrais dos estímulos de fala com e sem máscara, a presença de uma máscara cirúrgica não prejudicou na compreensão da fala, nem nos grupos com audição normal nem nos grupos com deficiência auditiva. O ruído do consultório odontológico, no entanto, teve um efeito na compreensão da fala para ambos os grupos. Essas observações sugerem que a presença de ruído nas unidades de saúde é mais preocupante do que a comunicação através de máscaras cirúrgicas.

Outro aspecto problemático da pandemia de covid-19 é o distanciamento social que “pode afetar negativamente o bem-estar subjetivo e o estado de saúde, pois pode resultar em isolamento social e limitação da atividade física”⁵ (De Vos, 2020, p. 2). Além disso, a saúde mental pode ser afetada. No entanto, existem contextos em que a interação face a face é necessária, como num atendimento médico ou no cabeleireiro. Aqui, as normas de distanciamento social podem ter um efeito ameaçador na interação social, na medida em que podem comprometer as normas de cortesia.

Por exemplo, um estudo de Katila *et al.* (2020, p. 23) mostra que quando um interlocutor inicia uma forma convencional de aperto de mão, a outra parte pode reparar essa iniciação (a) ao iniciar uma saudação menos íntima, (b) ao declinar ao toque ou (c) ao pedir desculpas por ter tocado no outro. Além disso, a análise mostra que, nos momentos mais ameaçadores, quando ocorria uma violação, a reconciliação parecia ter prioridade sobre as regras de distanciamento físico.

METODOLOGIA: OS PASSOS DA ANÁLISE

Para os objetivos do presente trabalho, foram coletados dados em vídeo em um posto de saúde da cidade de Conselheiro Lafaiete, em Minas Gerais, que fazem parte do *corpus* do centro de pesquisa Intercultural Communication in Multimodal Interactions (ICMI), bem como foram utilizados vídeos do YouTube disponibilizados pelos canais: Canal Caribe, de Cuba; MDR, da Alemanha; e KVUE (American Broadcasting Company – ABC), dos Estados Unidos. Nas filmagens, há a participação tanto de profissionais da saúde quanto de outros civis, sendo que, nas filmagens estrangeiras, os participantes estão sendo entrevistados, enquanto na brasileira estão realizando atividades cotidianas.

Cada trecho selecionado será acompanhado de sua transcrição seguindo o sistema de convenções GAT 2 (Schröder *et al.*, 2016; Selting *et al.*, 2011), ou “sistema de transcrição analítica conversacional”, em tradução livre. Tal sistema foi escolhido, conforme Selting *et al.* (2011), por ser capaz de propor convenções compatíveis com a análise fonética e linguística da língua falada, dando ainda ênfase na representação prosódica. Por meio desse sistema de transcrição, os elementos verbais foram transcritos, assim como os gestos manuais e faciais.

São variadas as definições de gesto – desde a consideração de todos os movimentos corporais (Allwood, 2002, p. 15-16) até a consideração de apenas movimentos de braços, mãos e dedos (McNeill, 2005, p. 5). Vários sistemas de classificação de gestos foram propostos. Na presente análise, estão no foco tanto os gestos manuais, como o uso das mãos e dos braços, quanto os gestos faciais, como a movimentação dos olhos e das sobrancelhas.

5 Em inglês: “Social distancing might negatively affect subjective well-being and health status, as it might result in social isolation and limited physical activity”.

A análise dos dados foi segmentada em três momentos, de acordo com os aspectos comunicacionais que terão mais ênfase. Inicialmente, trataremos dos gestos faciais em conjunto com os gestos manuais, em duas entrevistas, com dois participantes distintos. Posteriormente, seguiremos para uma análise mais profunda dos gestos manuais e do espaço gestual, também na modalidade de uma entrevista, dessa vez com uma única participante.

ANÁLISE

A expressão facial

Uma das características mais predominantes da comunicação com máscaras é a ampla abertura dos olhos e a elevação das sobrancelhas, um fenômeno que se destaca mais para o interlocutor nesse novo tipo de interação do que em uma interação normal, na qual a face integral é acessível. Isso é ilustrado nas duas sequências a seguir. A primeira sequência é extraída de um breve informativo cubano sobre o uso de máscaras. Nele, uma mulher é vista em um ônibus e responde à pergunta: “Por que o uso de máscaras é necessário?”.

Sequência 1: Reportagem cubana com mulher no ônibus, Canal Caribe, 28 mar. 2020.

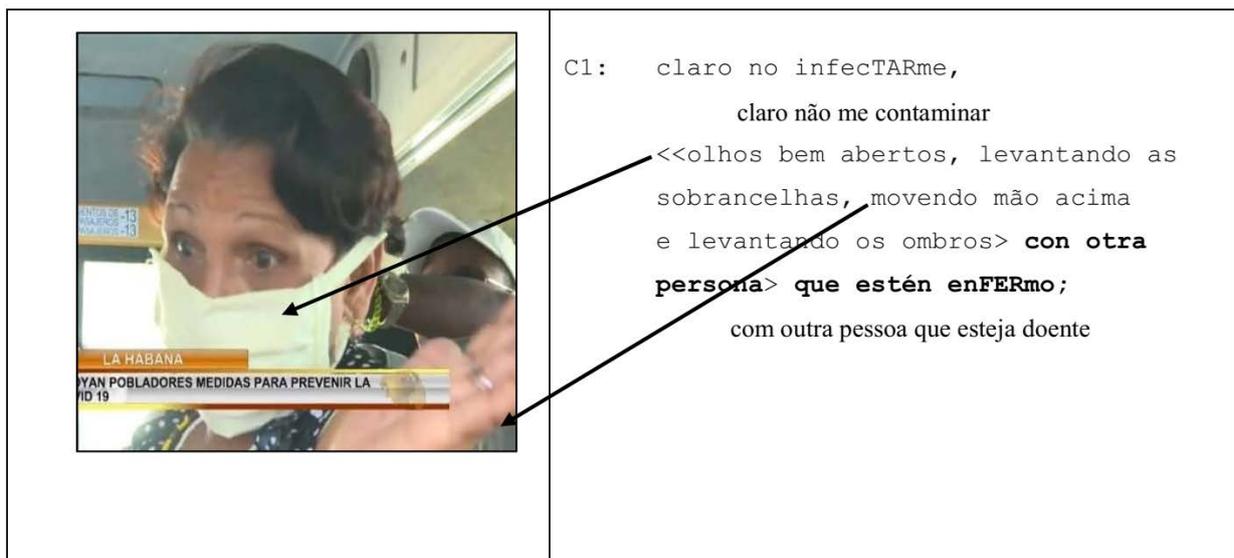


Figura 1 – Gestos faciais e manuais
Fonte: Em Cuba [...], 2020.

Além da ampla abertura dos olhos e do levantamento das sobrancelhas, C1 realiza um gesto com a mão esquerda (Figura 1), que é descrito por Kendon (2004, p. 218) como “*palm lateral gesture*”. Esse gesto é realizado com a mão movida lateralmente (e para trás), ombros levantados e uma expressão facial característica, como se as mãos fossem retiradas da arena de ação, podendo expressar a não intervenção, a falta de vontade de intervir ou incapacidade de fazê-lo, assim como apontar que algo é óbvio. O gesto manual reforça o gesto facial, o que também sublinha a obviedade e, ao mesmo tempo, a urgência do que está sendo dito.

Na segunda sequência, um cabeleireiro alemão, que inventou um suporte para as máscaras, está falando em uma entrevista sobre a ressonância que essa invenção teve entre seus colegas. As sequências da Figura 2, a seguir, mostram que os olhos do cabeleireiro no início estão fechados por vários segundos (Figura 2a), antes de serem abertos e direcionados para a direita (Figura 2b). A partir da linha 4, o cabeleireiro move

o corpo para a frente, fecha os olhos e, ao abri-los, levanta as sobrancelhas, direcionando os olhos para a direita e fechando-os novamente para finalizar a frase, conforme mostram as Figuras 2c, 2d e 2e.

Sequência 2: Entrevista alemã com cabeleireiro, Canal MDR, 14 maio 2020.

<p>(2a)</p> 	<p>01 A: die resonanz unter den kollegen war <<fechando bem e abrindo os olhos> (.)> <<olhando para a esquerda> !Gigan!tisch; a receptividade entre os colegas foi gigantesca</p>
<p>(2b)</p> 	<p>02 ne, né 03 das hat <<olhando para esquerda> eingeschlagen also wie eine BOMbe;> impactou como uma bomba</p>
<p>(2c)</p> 	<p>04 das war einfach (.) COOL;= foi realmente legal 05 =<<levantando sobrancelhas, fechando bem e abrindo os olhos, movendo o corpo para frente> es ist immer noch COOL;> ainda é legal</p>
<p>(2d)</p> 	<p>06 also, Então 07 <<olhando para esquerda> jede> jeden interesSIERT es und, todo/ todos estão interessados e 08 ahm, ahm 09 <<olhando para a esquerda> ja;> Sim</p>

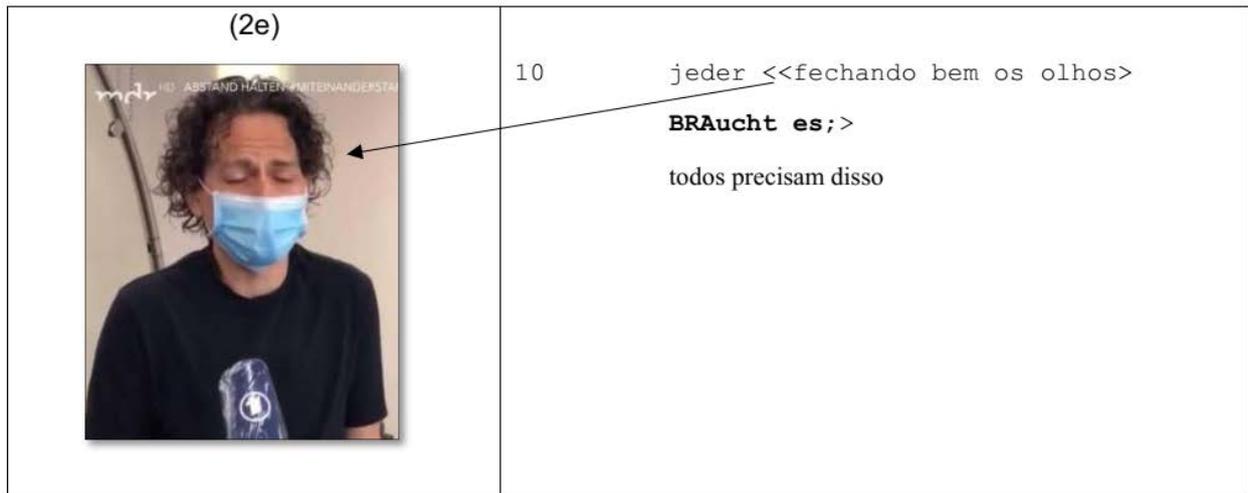


Figura 2 – Gestos faciais
Fonte: MDR, 2020.

Em LO5, o gesto facial (a ampla abertura dos olhos e o levantamento das sobrancelhas) é acompanhado pelo movimento da parte superior do corpo para a frente, conforme mostram as Figuras 2c e 2d. Isso tem um efeito de fortalecimento do que é dito. Os gestos faciais que agora são mais destacados para o interlocutor – a saber, o fechamento e a abertura dos olhos, o levantamento das sobrancelhas e a ativação das rugas da testa – indicam o alinhamento de fala e gesto. O gesto é realizado junto à sílaba acentuada da fala, o que está em conformidade com resultados de estudos anteriores que já ilustraram a concordância entre acento focal e levantamento de sobrancelhas (Flecha-García, 2010; McNeill, 2016).

4.2 Os gestos manuais

Para ilustrar algumas mudanças que se observam no domínio da gesticulação com máscaras, tomaremos como exemplo uma entrevista de um programa do canal KVUE, uma estação local da televisão norte-americana ABC que transmite as notícias de Austin, Texas, desde 1971. Nessa entrevista, transmitida no dia 11 de maio de 2020, a diretora de enfermagem do St. David's Round Rock Medical Center fala sobre as linhas de frente do coronavírus. Destacamos dois trechos para ilustrar esse ponto: a Sequência 3, a seguir, mostra a diretora da enfermagem explicando como lida com o trabalho que é altamente perigoso por causa do risco de contaminação, inclusive, fora do hospital.

Sequência 3: Entrevista americana, KVUE – Chief Nursing Officer (CNO) no St. David's Round Rock Medical Center, Austin, 11 maio 2020.

<p>a) Gesto rítmico 1</p> 	<p>01 <<movendo as duas mãos para frente e para trás> i mean when we're HOME together> we uhm (.) you KNOW; quer dizer quando estamos juntos em casa nós ãhm sabe</p>
<p>b) Gesto rítmico 2</p> 	<p>02 (-) we (.) <<mantendo as mãos curvadas no ar> we ↑jUst make sure that we were kEeping> <<apontando com a RH para frente> `OTHERS save.=> nós nós simplesmente nos asseguramos de manter a segurança dos outros</p>
<p>c) Gesto rítmico 3</p> 	<p>03 =so we're not around small <<abrindo os dois braços e mãos, acenando a cabeça> `CHILdren;> então, não estamos perto de crianças pequenas</p>
	<p>04 <<acenando a cabeça à direita, depois à esquerda; duas mãos abertas para cima> if we `ARE:; se estamos</p> <p>05 we wear a `MASK;> usamos uma máscara</p> <p>06 <<P> when we go out in `PÜblic; quando saímos em público</p>

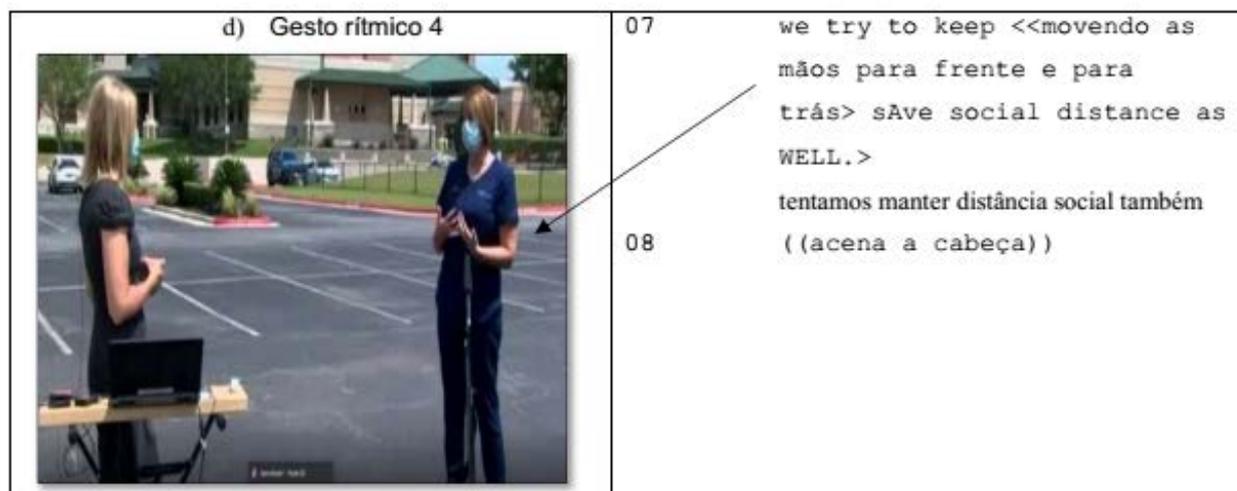


Figura 3 – Dimensões gestuais

Fonte: Kvue, 2020.

O primeiro fenômeno que chama atenção nessa entrevista com máscaras, em oposição a uma entrevista prototípica de televisão sem máscaras, é o fato de que, para o telespectador, destaca-se o uso abrangente de gestos. Devido à falta de objetos, que em circunstâncias normais costumam limitar o espaço comunicativo dos interactantes no gênero ‘entrevista televisiva’ – tais como o microfone do entrevistador (que é mantido por ele), uma eventual mesa ou um eventual púlpito, além de cadeiras e poltronas –, o espaço à disposição para a comunicação corporal é enorme. Adicionalmente, o espaço gestual aumenta pelo distanciamento social entre entrevistadora e entrevistada, uma vez que, em tempos de covid-19, por conta do uso das máscaras, “[...] gestos podem transpor lacunas comunicativas inesperadas” (Özyürek, 2020).⁶ Sendo assim, o que Kendon (1990) chama de *F-formation*, isto é, o foco compartilhado de atenção, corresponde agora a um espaço vazio de objetos e de uma magnitude enorme entre os interlocutores, no qual a entrevistadora e a entrevistada se coorientam exclusivamente por sua própria fala e por seus próprios gestos percebíveis de forma mais holística pelo ângulo aumentado.

McNeill afirma: “Beats revelam a concepção do discurso narrativo como um todo pelo falante. O valor semiótico de um *beat* está no fato que indexa a palavra ou a frase que acompanha como significativa, não por seu próprio conteúdo semântico, mas por seu conteúdo discursivo-pragmático.”⁷ (McNeill, 1992, p. 15). Esse trecho trata de um fenômeno que Selting (2003) chama de “lista” ao se referir às estruturas repetitivas, prototipicamente produzidas em formato de três componentes que reproduzem a mesma estrutura prosódica. De fato, há três unidades entonacionais com a mesma estrutura prosódica aqui e, curiosamente, acompanhadas pelos respectivos gestos rítmicos mesclados com gestos discursivos cujo golpe, ou *stroke* (Kendon, 2004, p. 115-118), coincide em todas as unidades entonacionais com o acento focal nas linhas 03, 04 e 05.

Como se pode ver nas imagens da Figura 3, os gestos discursivos, em todas as quatro unidades entonacionais destacadas (‘OTHERS save./ ‘CHILDren;/ ‘ARE:;/ ‘MASK;), linhas L02, L03, L04 e L05 correspondem às variantes do gesto recorrente Palm Up Open Hand (PUOH), cujo núcleo semântico é oferecer ou mostrar algo para o interlocutor e cuja força ilocucionária é assertiva e diretiva no sentido de que a entrevistada convida a entrevistadora, bem como o telespectador, a assumir uma perspectiva compartilhada sobre o objeto da fala (Bressem; Müller, 2014, p. 1582). Vale destacar que a apresentação ‘mecânica’ dessa parte da resposta em ‘lista’ provavelmente tem a ver com o fato de que se trata de uma referência a regras bem conhecidas e repetidas muitas vezes na mídia sobre como as pessoas devem se comportar para evitar infectar o outro. Isso é reforçado pelo movimento de cabeça mostrado nas Figuras 3c e 3d, primeiro para a esquerda, e depois, para a direita.

6 Em inglês: “[...] how gestures can bridge unexpected communication gaps”.

7 Em inglês: “Beats reveal the speaker’s conception of the narrative discourse as a whole. The semiotic value of a beat lies in the fact that it indexes the word or phrase it accompanies as being significant, not for its own semantic content, but for its discourse-pragmatic content.”

Sequência 4: Entrevista americana, KVUE – Chief Nursing Officer (CNO) no St. David’s Round Roc Medical Center, Austin, 11 maio 2020.

<p>a) Gesto icônico-dêitico 1</p> 	<p>01 you know the BEST thing we can do is to <<abrindo as duas mãos para fora> to protEct each other because,></p>
<p>b) Gesto icônico-dêitico 2</p> 	<p>02 sabe, a melhor coisa que podemos fazer é you know uhm you’re protecting <<movendo as duas mãos paralelamente ao torso para frente e para trás> ↑YOU from THEM, sabe ãhm você está protegendo você deles</p>
<p>c) Gesto icônico-dêitico 3</p> 	<p>03 and thEm from yOu> (.) so:;= e eles de você, então</p>
<p>d) Gesto icônico-dêitico 4</p> 	

Figura 4 – Espaço gestual
 Fonte: Kvue, 2020.

Nessa sequência, mesclam-se um gesto discursivo-rítmico e um gesto icônico-dêitico. Com relação ao movimento do gesto, ao assumir a perspectiva da interlocutora (*you*), a falante (*them*) aponta no primeiro gesto com as duas mãos para um espaço direcionado à entrevistadora, enquanto diz: “you know uhm you’re

protecting” ↑ YOU (Figura 4a), antes de apontar para si mesma ao falar: “from THEM,” (Figura 4b), continuando a afirmar “and thEm” (Figura 4c), com as mãos em uma posição intermediária, para terminar em uma posição novamente direcionada para a interlocutora, ao dizer: “from yOu (.) so:;” (Figura 4d).

O elemento icônico é caracterizado pelo fato de que os gestos, além da dêixis, carregam igualmente a semântica da distância e da proximidade relacionadas ao espaço presente e, com isso, o discurso sobre o distanciamento social. Ao mesmo tempo, na entrevista toda, os movimentos são exibidos em sintonia com os acentos focais e secundários dessa unidade entonacional, que apresenta, no total, quatro acentos. Como postula Kendon (2004, p. 159): “[...] gestos são frequentemente usados como se pontuassem o discurso falado ou como se marcassem seus componentes lógicos [...]. Dizemos que esses gestos têm uma função **segmentadora**.”⁸ Essa função destaca-se na entrevista em que as duas interlocutoras usam máscaras e em que o espaço gestual é expandido.

O corpo no espaço e na interação intercorporeal

A filmagem foi realizada no dia 17 de junho de 2020 num Posto de Saúde da Família (PSF) na cidade de Conselheiro Lafaiete, Minas Gerais. Nos dados, buscaremos observar o uso do espaço nas relações cotidianas em tempos de covid-19 – se ocorre algum déficit comunicativo devido ao uso das máscaras e que estratégias discursivas os interactantes utilizam para compensar o distanciamento social e suprir a visualização parcial do rosto, uma vez que as máscaras cobrem uma grande extensão do rosto humano. Depreende-se, aqui, que o impedimento visual de parte da face humana pode dificultar substancialmente a interpretação, a sequencialidade da interação e o desenvolvimento dos tópicos discursivos.

8 Em inglês: “[...] *gestures are often used as if they are punctuating the spoken discourse, or as if they are marking out its different logical components [...]. We say of such gestures that they have a parsing function.*”

Sequência 5: Posto de saúde, atendimento de um usuário/paciente por uma agente de saúde, 17 jun. 2020.

<p>(a)</p> 	<p>01 AS1: com ↑↑Esse especia↑LISTa; 02 UP1: CERto; 03 AS1: <<acc> você tem que fazer ↑↑Novos exames.> 04 UP1: hum_HUM. 05 AS1: se os ↑↑SEus exames (-) derem alguma alterA↑↑`ÇÃO,</p>
<p>(b)</p> 	<p>06 UP1: (--) ah::[`SEI.] 07 AS1: [aÍ]que a gente <<apontando para os documentos do UP1> manda pra lá com o xerOx.> 08 AS1: <<apontando para os papéis que estão em suas mãos> =aí a DÉbora vai providenciar os exAMES-></p>
<p>(c)</p> 	<p>17 AS1: [((olhando para UP1))] <<olhando e apontando para os papéis que estão em suas mãos> aí a gente vai repe↑TIR os ex`Ames.></p>
<p>(d)</p>	

Figura 5 – Gestos dêiticos
 Fonte: Gonçalves, 2022.



18	UP1:	[↑AH:: `tÃ;]
19	AS1:	[<<apontando para os papéis em suas mãos>> sem os exames> <<apontando para os papéis que estão nas mãos de UP1> ↑ `NÃO tem como você ir nesse MÉDICO;>

Nessa interação, a agente de saúde respeita todas as normas estabelecidas pela Coordenação de Saúde do Município de Conselheiro Lafaiete em função da covid-19, quais sejam: uniforme apropriado, máscara cirúrgica e proteção facial de material plástico. O usuário/paciente também estava seguindo as orientações dos órgãos de saúde que determinaram o uso de máscaras faciais no início de 2020 como um meio essencial de combate à transmissão de doenças respiratórias. A distância espacial exigida pelos órgãos de saúde é de 1,5m. Porém, como se pode observar nas imagens, o que primeiramente nos chamou a atenção foi a proximidade dos interactantes. Ao analisar a organização do espaço, sob o ponto de vista interacional (Hall, 1963), observamos que, diferentemente da situação comunicativa mostrada na entrevista do KVUE, na qual se percebe um grande distanciamento social entre entrevistadora e entrevistada, a agente de saúde e o usuário/paciente, provavelmente confiando no uso de máscaras e equipamentos de proteção, mantêm uma considerável aproximação, apesar da exigência de distanciamento social orientada pelos órgãos de saúde mundial.

Outro aspecto observado na interação da agente de saúde com o usuário/paciente refere-se aos gestos dêiticos, que, segundo Kendon (2004) e McNeill (1992), são recursos linguísticos que estruturam a conversa, ao apontar um objeto ou direcionar um tópico discursivo. A sequência de imagens ilustra o comportamento linguístico da agente de saúde. Ela repetitivamente aponta para os papéis reforçando algumas orientações que o usuário/paciente deve seguir. De acordo com Couper-Kuhlen e Selting (2018, p. 36):⁹ [...] “mesmo sintaxe e entonação, ou prosódia e fonética de forma mais geral, não são suficientes para capturar totalmente todos os componentes relevantes de um TCU¹⁰”. Nesse sentido, os gestos dêiticos realizados pela agente de saúde podem ser considerados ações e sequências que são complementadas e tornadas interpretáveis pelo uso sistemático de recursos linguísticos. Eles pertencem às ferramentas intercorporeais que apresentam uma grande variedade de práticas comunicativas multimodais simultâneas, como gestos ou olhar.

Na sequência de imagens apresentadas anteriormente, observamos que a construção discursiva da agente de saúde é realizada a partir de estratégias performativas que direcionam o tópico discursivo, também em compensação da fala e da expressão facial limitadas. Nas linhas 05 e 07 da Sequência da Figura 5, por exemplo, podemos perceber que a agente de saúde aponta para os documentos que estão nas mãos do usuário/paciente e explica que, se houvesse alguma alteração, novos exames deveriam ser realizados e xerocados para uma reavaliação por um especialista. Nas linhas 05 e 07, quando a agente diz: “se os ↑↑ SEus exames derem alguma altera↑↑`ÇÃÃO, aí que a gente manda pra lá com o xerOx.”, encontramos gestos dêiticos, conforme mostra a Figura 5a, em sintonia com os pulos e os movimentos entonacionais ascendentes e acentos focais que podem ser considerados gestos discursivo-rítmicos utilizados pela agente, quando ela aponta para o documento que está nas mãos do usuário/paciente.

9 Em inglês: “[...] *even syntax and intonation, or prosody and phonetics more generally, do not suffice to fully capture all the relevant ingredients of a TCU*”.

10 Unidades de Construção de Turnos.

As Figuras 5b e 5c mostram também que, nas linhas 08 e 17 da Sequência 5, a agente de saúde aponta para os documentos que segura. Esses documentos referem-se aos exames feitos anteriormente pelo usuário/paciente. Podemos afirmar que, ao apontá-los, a agente de saúde utiliza um gesto dêitico para direcionar a estruturação sintática e servir como guia da interpretação, quando ela diz: “=aí a DÉbora vai providenciar os eXAmes→” (L08). Na linha 17, essa afirmação pode ser confirmada, pois a agente de saúde aponta recorrentemente para os papéis que estão em suas mãos e segue as orientações dizendo: “aí a gente vai repe↑TIR os ex`Ames.”, utilizando acentos focais para ratificar a orientação dada. Por fim, na linha 19 da Sequência 5, a agente de saúde reforça a orientação dada anteriormente ao dizer: “sem os exames ↑ `NÃO tem como você ir nesse MÉdico/”, utilizando novamente pulos e movimentos entonacionais ascendentes e acentos focais, além de gestos dêiticos, ao apontar concomitantemente para os documentos que estavam em suas mãos e para os documentos que estavam nas mãos do usuário/paciente, conforme mostra a Figura 5d.

Já o usuário/paciente, nas linhas 02, 04, 06 e 18, dá constantemente retornos de que entende o que está sendo explicado. Além disso, a proximidade entre os dois participantes e a leitura dos documentos é fundamental para que a profissional consiga assegurar que o paciente leia, ele próprio, o texto que lhe está a ser explicado oralmente.

As análises dessa interação mostram, portanto, que em tempos pandêmicos a maneira como os indivíduos se posicionam no espaço e as formas de ação corporificada e multimodal, como gestos dêiticos, se tornaram mais frequentes e foram potencializadas para compensar a perda de meios comunicativos devido ao uso de máscaras faciais e à manutenção do distanciamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pandemia, por questões de saúde, diversas leis que entraram em vigor ao redor do mundo esperaram e reforçaram um comportamento distinto do ‘normal’ para todo e qualquer cidadão. Tendo como uma das principais mudanças o uso de máscara facial em vias públicas, nota-se que, com o rosto parcialmente coberto, outras ferramentas comunicacionais ganham destaque, na função de suprir o que já não está visível. Através da presente pesquisa, foi demonstrado como a movimentação da sobrancelha funciona como um marcador de acento focal, elevando-se junto às sílabas mais proeminentemente marcadas da fala, pelo menos a partir da perspectiva do interlocutor que, de uma hora para outra, passou a ter apenas essa região da face como “campo de orientação”. Notamos também que o falante faz uso mais amplo do espaço gestual, no contexto americano, agora contando com um maior perímetro livre em torno de si, por causa do distanciamento social, além de produzir mais gestos de “batida”.

Por fim, observamos que as pistas entonacionais compensam a limitação das expressões faciais, mas, ainda assim, parece ser necessário desrespeitar o distanciamento social, já que o contato físico, fortemente desaconselhado por órgãos de saúde, parece permanecer necessário para o sucesso da interação no contexto brasileiro. Aqui, também, outras estratégias, como elevação do tom de voz, repetições e contornos e pulos entonacionais funcionam como meios compensatórios para superar a barreira da máscara.

REFERÊNCIAS

ALLWOOD, Jens. Bodily communication dimensions of expression and content. *In*: GRANSTRÖM, Björn; HOUSE, David; KARLSSON, Inger. (ed.). **Multimodality in language and speech systems**. Dordrecht:

Springer, 2002. p. 7-26. DOI: https://doi.org/10.1007/978-94-017-2367-1_2. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-017-2367-1_2. Acesso em: 2 set. 2024.

BAVELAS, Janet; GERWING, Jennifer; HEALING, Sara. Including facial gestures in gesture-speech ensembles. In: SEYFEDDINIPUR, Mandana; GULLBERG, Marianne (ed.). **From gesture in conversation to visible action as utterance**. Amsterdam; Filadélfia: John Benjamins, 2014. p. 15-34. DOI: <https://doi.org/10.1075/z.188.02bav>. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/z.188.02bav>. Acesso em: 2 set. 2024.

BRESSEM, Jana; MÜLLER, Cornelia. A repertoire of German recurrent gestures with pragmatic functions. In: MÜLLER, Cornelia et al. (org.). **Body – Language – Communication: an international handbook on multimodality in human interaction**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2014. v. 1. p. 1575-1591. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110302028.1575>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110302028.1575/html>. Acesso em: 2 set. 2024.

CARBON, Claus-Christian. Wearing face masks strongly confuses counterparts in reading emotions. **PsyArXiv Preprints**, 2020. *Preprint*. DOI: <https://doi.org/10.31234/osf.io/x3uh6>. Disponível em: <https://psyarxiv.com/x3uh6/>. Acesso em: 5 out. 2020.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth; SELTING, Margret. **Interactional linguistics: studying language in social interaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

COUPER-KUHLEN, Elizabeth; SELTING, Margret (ed.). **Prosody in conversation**. interactional studies. Cambridge; Nova Iorque: Cambridge University Press, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511597862>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/prosody-in-conversation/8AA48A4FB98505F2AD5BB6D501B7B05A>. Acesso em: 2 set. 2024.

DE VOS, Jonas. The effect of covid-19 and subsequent social distancing on travel behavior. **Transportation Research Interdisciplinary Perspectives**, [s. l.], v. 5, maio 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.trip.2020.100121>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2590198220300324?via%3Dihub>. Acesso em: 5 out. 2020.

EN CUBA: obligatorio usar nasobuco en el transporte público. [S. l.: s. n.], 28 mar. 2020. 1 vídeo (1m56s). Publicado pelo Canal Caribe. Disponível em: https://youtu.be/tU1p3P_vTOU?si=UWmVR0FD1vxuYLGb. Acesso em: 15 abr. 2024.

FLECHA-GARCÍA, María L. Eyebrow raises in dialogue and their relation to discourse structure, utterance function, and pitch accents in English. **Speech Communication**, [s. l.], v. 52, n. 6, p. 542-554, jun. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.specom.2009.12.003>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167639309001782?via%3Dihub>. Acesso em: 5 out. 2020.

GONÇALVES, Sineide. **Interação 2020CLBrPSF1**. [S. l.: s. n.], 27 jan. 2022. 1 vídeo (47s). Publicado pelo canal Dra. Sineide Gonçalves. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D18aF9j_hDo. Acesso em: 15 abr. 2024.

GOODWIN, Charles. **Conversational organization: interaction between speakers and hearers (Language, thought, and culture)**. Nova Iorque: Academic Press, 1981.

GOODWIN, Charles. Gesture as a resource for the organization of mutual orientation. **Semiotica**, [s. l.], v. 62, n. 1-2, p. 29-49, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1515/semi.1986.62.1-2.29>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/semi.1986.62.1-2.29>. Acesso em: 12 set. 2024.

HALL, Edward T. A system for the notation of proxemic behavior. **American Anthropologist**, [s. l.], v. 65, n. 5, p. 1003-1026, out. 1963. Disponível em: https://e-edu.nbu.bg/pluginfile.php/1261108/mod_resource/content/1/Edward%20Hall%20-%20A%20System%20for%20the%20Notation%20of%20Proxemic%20Behavior%201963.pdf. Acesso em: 5 out. 2020.

KATILA, Julia; GAN, Yumei; GOODWIN, Marjorie H. Interaction rituals and 'social distancing': New haptic trajectories and touching from a distance in the time of Covid-19. **Discourse Studies**, [s. l.], v. 22, n. 4, p. 418-440, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461445620928213>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461445620928213>. Acesso em: 5 out. 2020.

KENDON, Adam. **Conducting interaction: Patterns of behavior in focused encounters**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

KENDON, Adam. **Gesture: visible action as utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MCNEILL, David. **Gesture and thought**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MCNEILL, David. **Hand and mind: what gestures reveal about thought**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, David. **Why we gesture: the surprising role of hand movements in communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1017/CBO9781316480526>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/why-we-gesture/5A54FFD659C12DEBDB7A4718ECB7687C>. Acesso em: 2 set. 2024.

MDR. **Interview mit einem Friseur**. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pNtv_dcnG88. Acesso em: 5 set. 2020.

MENDEL, Lisa Lucks; GARDINO, Julie A.; ATCHERSON, Samuel R. Speech understanding using surgical masks: a problem in health care? **Journal of American Academy of Audiology**, Burlington, v. 19, n. 9, p. 686-695, 2008. DOI: <https://doi.org/10.3766/jaaa.19.9.4>. Disponível em: https://www.memphis.edu/spal/pdfs/2008mendel_et_al_speech_understanding.pdf. Acesso em: 5 out. 2020.

MEYER, Christian; STREECK, Jürgen; JORDAN, J. Scott. Introduction. In: MEYER, Christian; STREECK, Jürgen; JORDAN, J. Scott. (ed.). **Incorporeality: emerging socialities in interaction**. Nova lorque: Oxford University Press, 2017.

SCHRÖDER, Ulrike *et al.* Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 20, n. 2, p. 6-61, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/veredas/article/view/28203>. Acesso em: 2 set. 2024.

SELTING, Margret. Lists as embedded structures and the prosody of lists construction as an interactional resource. **InLiSt: Interaction and Linguistic Structures**, [s. l.], n. 35, p. 1-65, 2003. Disponível em: <https://d-nb.info/1079796010/34>. Acesso em: 5 out. 2020.

SELTING, Margret *et al.* A system for transcribing talk-in-interaction: GAT 2. **Gesprächsforschung: Online-Zeitschrift Zur Verbalen Interaktion**, [s. l.], n. 12, v. p. 1-51, 2011. Disponível em: <http://www.gespraechsforschung-online.de/fileadmin/dateien/heft2011/px-gat2-englisch.pdf>. Acesso em: 2 set. 2024.

STIVERS, Tanya. Stance, alignment, and affiliation during storytelling: when nodding is a token of affiliation. **Research on Language & Social Interaction**, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 31-57, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/08351810701691123>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08351810701691123>. Acesso em: 5 out. 2020.